



**FACULDADE MARIA MILZA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JAMILIS FIUZA COSTA LEITE E
SILVANA ALVES DE OLIVEIRA**

**ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES**

**GOVERNADOR MANGABEIRA-BA
2015**

**JAMILIS FIUZA COSTA LEITE E
SILVANA ALVES DE OLIVEIRA**

**ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Maria Milza - FAMAM, como requisito parcial para obtenção do título de graduado.

Prof^a. Ma. Antonia Claudia de Andrade Cordeiro

Orientadora

GOVERNADOR MANGABEIRA-BA

2015

Dados Internacionais de Catalogação

	Leite, Jamilis Fiuza Costa
L533e	Ensino de leitura e escrita no processo de alfabetização: reflexões sobre as práticas docentes / Jamilis Fiuza Costa Leite, Silvana Alves de Oliveira. – 2015
	46 f.
	Orientadora: Profa.Ma. Antonia Claudia de Andrade Cordeiro
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Maria Milza, 2015.
	1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Cordeiro, Antonia Claudia de Andrade. II. Título.
	CDD 372.41

**JAMILIS FIUZA COSTA LEITE
SILVANA ALVES DE OLIVEIRA**

**ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES.**

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA DE APRESENTAÇÃO

Orientador: Prof. Antonia Claudia de Andrade Cordeiro

Faculdade Maria Milza - FAMAM

Professor Avaliador:

Faculdade Maria Milza - FAMAM

Professor Avaliador:

Faculdade Maria Milza - FAMAM

GOVERNADOR MANGABEIRA-BA

2015

Este trabalho é dedicado primeiramente a Deus por ter nos dado força e coragem para conseguir concluí-lo, pois foram muitas as dificuldades enfrentadas e se não fosse Ele nos conduzindo, não teríamos chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter nos dado força para ultrapassar os obstáculos encontrados, a orientadora professora M^a Antônia Claudia de Andrade Cordeiro, pela paciência na orientação e incentivo que tornou possível a conclusão desta monografia. A professora e diretora acadêmica Josemare Pereira dos Santos Pinheiro, pelo convívio, apoio e compreensão na construção deste trabalho.

A nossa família, que com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que chegássemos a esta etapa. E também a todos os professores do curso, que foram tão importantes na nossa vida acadêmica e que nos acompanharam durante a graduação.

À gestora da escola na qual a pesquisa foi feita, as professoras entrevistadas pela colaboração. Se não fosse isso, esta pesquisa não poderia ser concluída. Enfim, aos amigos e a todos aqueles que colaboraram para que este trabalho acontecesse, acreditando na nossa capacidade, muito obrigada.

RESUMO

O educador como um agente social deve assumir o compromisso de instrumentalizar os alunos para o exercício da cidadania e isso inclui ensinar a ler e a escrever e para que isso ocorra, é necessário procurar desenvolver técnicas de leitura e escrita coerentes com os propósitos educacionais e com a realidade do aluno, levando-o a ter mais gosto pela leitura e pela escrita. Pois formar leitores e escritores competentes depende muito de como está sendo desenvolvido o trabalho com a leitura e a escrita na escola, especialmente, da metodologia que orienta o trabalho dos professores e de suas escolhas práticas para o ensino da leitura e da escrita. Para que o educando exercite as capacidades de interpretação, leitura e escrita é necessário que o trabalho do professor esteja orientado por metodologias que estimulem o aluno, primeiramente, a ter o desejo de ler e escrever. A partir do exposto, no presente estudo pretendeu-se discutir sobre o ensino de leitura e escrita no processo de alfabetização, bem como refletir sobre as práticas docentes. Diante desse título formulou-se o seguinte problema de investigação: Como ocorrem as práticas docentes em situações de ensino de leitura e de escrita no processo de alfabetização? E para responder essa questão buscou-se como objetivo geral, analisar como ocorrem as práticas docentes em situações de ensino de leitura e de escrita no processo de alfabetização. Para tanto foi feito um estudo de campo, de cunho descritivo, seguindo uma abordagem qualitativa. Como participantes da pesquisa, foram selecionados três professores alfabetizadores de uma escola da rede municipal de Sapeaçu-Ba e, como procedimentos metodológicos para a coleta de dados, foram adotadas as seguintes técnicas: observações de aulas; entrevista; análise de atividades elaboradas e/ou selecionadas pelos docentes e foram verificadas as concepções de leitura e escrita que orientam as práticas dos professores, identificando suas metodologias de ensino e avaliando as contribuições dessas práticas docentes para a aquisição da leitura e da escrita por parte dos alunos. Este estudo foi importante, tendo em vista que propiciou o conhecimento de uma realidade escolar sobre o processo de alfabetização das crianças. Foi possível perceber como se dão as práticas docentes no contexto pesquisado. Pode-se dizer que os professores devem apresentar práticas de ensino de leitura e de escrita que tenham por objetivo formar indivíduos capazes de produzir e interpretar diversos textos, para que ele seja indivíduo crítico na sociedade.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Leitura. Escrita. Práticas docentes.

ABSTRACT

The educator as a social agent must commit to prepare students for citizenship and that includes teaching reading and writing and for this to occur, you must seek to develop techniques of reading and writing consistent with the educational purposes and the reality of the student, causing him to have more interest in reading and writing. For form competent readers and writers largely depends on how the work is being developed with reading and writing at school, especially the methodology that guides the work of teachers and their practical choices for reading and writing education. For the student practice the interpretation skills, reading and writing is necessary for the teacher's work is driven methodologies that encourage student, first, to have the desire to read and write. From the foregoing, in the present study was intended to discuss the teaching of reading and writing in the literacy process and reflect on teaching practices. Faced with this title was formulated the following research problem: How to place the teaching practices in reading instruction situations and writing in the literacy process? And to answer this question we sought to general objective look at how to place the teaching practices in reading instruction situations and writing in the literacy process. To this end it was made a field study of descriptive nature, following a qualitative approach. As participants, we selected three literacy teachers of a school in the municipal Sapeaçu-Ba and, as methodological procedures for data collection, the following techniques have been adopted class observation; interview; elaborate activity analysis and / or selected by teachers and were verified the conceptions of reading and writing that guide the practices of teachers, identifying their teaching methods and evaluating the contribution of these teaching practices for the acquisition of reading and writing by students . This study was important, given that led to the knowledge of a school reality on the process of literacy of children. It was possible to understand how to give the teaching practices of the search context. It can be said that teachers should provide teaching of reading and writing practices that aim to train individuals able to produce and interpret various texts, so that it is critical individual in society.

Keywords: Literacy. Literacy. Reading. Escrita.Práticas. teachers.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO 1º ANO	12
2.1 REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO	12
2.2 MÉTODOS DE ENSINO DA ALFABETIZAÇÃO: UM PERCURSO HISTÓRICO	16
2.3 CONTRIBUIÇÕES DA CONCEPÇÃO CONSTRUTIVISTA E DA LINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA	19
2.4 LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	21
3.ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO 1º ANO: UMA ANÁLISE SOBRE AS PRÁTICAS DAS PROFESSORAS.....	27
3.1 REFLETINDO SOBRE AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE ENSINO DE LEITURA E DE ESCRITA DAS PROFESSORAS.....	29
4.CONSIDERAÇÕESFINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE	37
ANEXOS	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “Ensino de leitura e escrita no processo de alfabetização: reflexões sobre as práticas docentes” fundamenta-se nas teorias desenvolvidas por Ângela B. Kleimam (2005), Antoni Zabala (1998), Cagliari (1993), Emilia Ferreiro (2001), Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999) Geraldi (2010), Isabel Solé (1998), Magda Soares (2003), Magda Soares (2013) Ricardo Baquero (1998), Roxane Rojo (2009) e Sylvia Terzi (2002).

Sabe-se que o educador deve assumir o compromisso de instrumentalizar os alunos para o exercício da cidadania e isso inclui ensinar a ler e a escrever, para que eles possam desenvolver suas habilidades, tornando-se assim sujeitos críticos na sociedade. E para que isso ocorra, é necessário procurar desenvolver técnicas de leitura e escrita mais coerentes com os propósitos educacionais e com a realidade do aluno, levando-o a ter mais gosto pela leitura e pela escrita.

Diante do exposto, formulou-se o seguinte problema de investigação: como ocorrem as práticas docentes em situações de ensino de leitura e de escrita no processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental? E para responder essa questão, buscou-se, como objetivo geral, analisar como ocorrem as práticas docentes em situações de ensino de leitura e de escrita no processo de alfabetização. De modo específico, pretendeu-se verificar as concepções de leitura e de escrita que orientavam as práticas dos professores; identificar as metodologias de ensino de leitura e de escrita dos professores participantes do estudo e verificar as práticas docentes e suas implicações para a aquisição da leitura e da escrita pelo alunado.

Formar leitores e escritores competentes depende muito de como está sendo desenvolvido o trabalho com a leitura e a escrita na escola, especialmente, da metodologia que orienta o trabalho dos professores e de suas escolhas práticas para o ensino da leitura e da escrita.

Para que o educando exercite as capacidades de interpretar, ler e escrever, é necessário que o trabalho do professor esteja orientado por métodos que estimulem o aluno, primeiramente, a ter o desejo de ler e escrever.

Sabe-se que o aluno muitas vezes tem dificuldades de compreensão de leitura e de escrita e, diante disso o professor tem que estar sempre observando

essas dificuldades apresentadas por seus alunos, investigando se eles estão progredindo em seu processo de aprendizagem.

Partindo dessa afirmação, buscamos pesquisar sobre este tema para conhecer e avaliar as práticas dos professores no processo de alfabetização, centrando-se no ensino da leitura e da escrita, pois entendemos que a alfabetização é um passo importante na vida escolar da criança e os professores têm que estar sempre pesquisando para que a aprendizagem da criança seja proveitosa.

Diante disso, foram investigadas as práticas dos educadores em relação ao ensino de leitura e de escrita para se pensar sobre os métodos e recursos que melhor se abequem aos objetivos pretendidos para esta fase de escolarização, a fim de se formar indivíduos mais críticos e produtivos, que compreendam melhor o que estão aprendendo na escola.

Quanto à metodologia, para se analisar o ensino da leitura e da escrita no contexto do 1º ano do Ensino Fundamental, optou-se por um estudo de campo, a partir de uma abordagem qualitativa.

Foram selecionados 3 professores alfabetizadores de uma escola da rede municipal de Sapeaçu-Ba, de um total de 6 professores atuantes nesta fase de escolarização. A pesquisa teve cunho descritivo, tendo em vista seu objetivo principal que foi analisar como ocorrem as práticas docentes em situações de leitura e de escrita no processo de alfabetização. Para a coleta de dados, utilizou-se das seguintes técnicas: observações de aulas; entrevista; análise de atividades elaboradas e/ou selecionadas pelos docentes.

E quanto aos processos metodológicos para o tratamento dos dados da pesquisa optou-se pelo trabalho com categorias que foram interpretadas à luz dos pressupostos teóricos que tratam do ensino da leitura e da escrita.

Esta monografia está estruturada da seguinte forma: neste primeiro capítulo, faz-se uma introdução ao trabalho, contextualizando o objeto de estudo. O segundo capítulo trata sobre a Alfabetização e o letramento no contexto do 1º ano. E o terceiro capítulo apresenta a análise dos dados coletados na pesquisa, neste capítulo, analisam-se as entrevistas feitas com os professores alfabetizadores, refletindo sobre as concepções e as práticas de ensino de leitura e escrita no contexto da pesquisa. Por fim, apresentam-se as considerações finais do trabalho, tratando sobre o nosso entendimento no decorrer do trabalho e o que foi alcançado através da pesquisa.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO 1º ANO

A prática da alfabetização está relacionada com os métodos utilizados pelo professor, com os conhecimentos que a criança traz e com as perspectivas que ele possui diante da leitura e da escrita.

Com isso, sabe-se que alfabetizar uma criança requer muita cautela e dedicação do professor, pois os processos utilizados pelo educador alfabetizador serão muito importantes para a aprendizagem do aluno na sua trajetória escolar.

Vale ressaltar também que a alfabetização é uma tarefa fundamental para o aprendizado do aluno, pois é através dela que ele irá aprender o significado das letras e palavras, e o professor nas suas práticas deve estar sempre observando a criança nesse processo, traçando metodologias que não prejudiquem o mesmo.

2.1 REFLEXÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO E O LETRAMENTO

Com relação à alfabetização e ao letramento, pode-se dizer que são duas práticas distintas e importantes na vida das pessoas para a participação efetiva na sociedade. Sendo assim, entende-se que uma pessoa alfabetizada é aquela que adquiriu a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita e, ao mesmo tempo, decodificar a língua escrita em língua oral. Diferente de uma pessoa analfabeta, que é incapaz de usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua ao se expressar por escrito e não pode exercer em toda sua plenitude os seus direitos de cidadã, o alfabetizado é aquele que aprendeu a ler e a escrever, sendo assim, ele está apto a se apropriar de práticas de leitura e escrita que fazem parte de seu meio social, tornando-se um indivíduo letrado.

Pode-se dizer que a pessoa que aprendeu a ler e a escrever e faz uso desse aprendizado, sabendo responder às demandas de leitura e de escrita que a sociedade exige diariamente, é considerada letrada. De acordo com Magda Soares (2003, p, 39-40):

[...] alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Além disso, uma pessoa incapaz de compreender a leitura e a escrita, mas que convive em um ambiente no qual o ato de ler e escrever é constante e se interessa em ouvir leituras frequentemente e as entende, esse indivíduo também pode ser considerado letrado.

Do mesmo modo acontece com a criança que não se alfabetizou, mas, se folheia livros, finge que está lendo, brinca de escrever, ouve histórias que são lidas e compreende seu uso e função, essa criança é considerada, de certa forma, letrada, pois, mesmo que não tenha aprendido a ler e a escrever ainda, já adentrou no mundo do letramento. Magda Soares (2003, p. 24) diz que:

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprias da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**.

É importante salientar que o objetivo da alfabetização é ensinar a ler e a escrever, sendo assim, o professor além de ter pleno domínio da leitura e da escrita, deve valorizar o conhecimento prévio do aluno para melhor desenvolvimento do método pedagógico no processo de alfabetização. Angela Kleiman (2005, p. 51-52) enfatiza que:

Para formar leitores, o professor além de ser plenamente letrado precisa ter os conhecimentos necessários para agir como verdadeiro agente social. Ele tem de ser um gestor de recursos e de saberes – tanto dos dele (que talvez até nem saiba que possui porque dele nunca precisou) como dos de seus alunos.

A alfabetização é uma etapa muito importante na vida da criança, pois nesse processo, ela enfrenta desafios de novas palavras, sem, no entanto, perder a facilidade de expressão que adquiriu oralmente. E o professor, sendo um indivíduo letrado, deve buscar constantemente inovações, que façam o aluno se envolver nas atividades de leitura e escrita, valorizando os conhecimentos prévios do alunado, envolvendo também atividades espontâneas.

O educador deve levar em conta as ideias da criança, observando como ela se desenvolve nas atividades propostas, sejam elas orais ou escritas, sempre considerando os progressos e as dificuldades do educando nas exposições dos seus conhecimentos. De acordo com Cagliari (1998, p. 66):

Um método de alfabetização que leve em conta o processo de aprendizagem deve deixar um espaço para que o aluno exponha suas idéias a respeito do que aprende. Isto pode ser feito não de maneira dissertativa (como faz o professor, quando ensina), mas através da realização de trabalhos, onde se pode ver o que o aluno fez e descobrir o que o levou a fazer o que fez.

A partir dessas reflexões, pode-se perceber a importância das iniciativas dos alunos, seja na exposição de seus conhecimentos ou a partir de suas produções escritas. Esses pontos constituem-se parâmetros para se analisar sobre o que o educando aprendeu e o que ainda precisa aprender.

Para que haja uma boa prática de alfabetização, em que o aluno progrida muito além do que a escola oferece, o professor deve assumir um papel importante em sala de aula, não apenas para observar ou facilitar o trabalho do aluno no processo de aquisição do conhecimento, apenas passando atividades, e sim ensinando o aluno a dar passos para que assim ele possa se apropriar das práticas de leitura e escrita que circulam na sociedade, tornando assim um sujeito crítico. Cagliari (1998 p.67-68) diz que:

Um bom trabalho de alfabetização precisa levar em conta o processo de ensino e de aprendizagem de maneira equilibrada e adequada. O professor tem uma tarefa a realizar em sala de aula e não pode ser um mero espectador do que faz o aluno ou um simples facilitador do processo de aprendizagem, apenas passando tarefas. Cabe a ele ensinar também e, assim, ajudar cada aluno a dar um passo adiante e progredir na construção de seus conhecimentos.

No âmbito escolar, o professor tem importante papel para formar indivíduos muito além de alfabetizados, ou seja, letrados, aqueles que atingem sua plena inserção social através da apropriação das práticas de leitura e escrita, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Ressaltando também que o letramento está sempre presente na oralidade da criança, uma vez que é através da conversa com outras pessoas que ela vai se interagindo com o meio e se envolvendo nas práticas de letramento e quando adentram na escola já tem certo domínio da fala. De acordo com Angela Kleiman (1998, p. 181-182) enfatiza que:

O letramento está também presente na oralidade, uma vez que, em sociedades tecnológicas como a nossa, o impacto da escrita é de largo

alcance: uma atividade que envolve apenas a modalidade oral, como escutar notícias de rádio, é um evento de letramento, pois o texto ouvido tem marcas de planejamento e lexicalização típicas da modalidade escrita (a respeito das diferenças entre a modalidade oral e escrita [...])

A partir do que foi exposto, percebe-se que é através dos ensinamentos de casa, das leituras feitas por adultos letrados que se inicia o processo da leitura e da escrita para criança e, ao mesmo tempo, dá-se início ao processo de letramento, que faz parte do convívio com sua comunidade, o que facilita a sua aprendizagem escolar. Como diz Sylvia Bueno Terzi (2002, p. 43): “Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre a linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita”.

Pode-se dizer que a prática de ler textos diversos para a criança antes de ela adentrar na escola exerce influência sobre ela, como posicionamento no mundo mediante a leitura e a escrita.

É importante ressaltar que o professor deve conhecer a realidade do aluno e a sua história para assim saber identificar as suas dificuldades e facilidades, contribuindo para o aprendizado do aluno garantindo assim um sucesso escolar. Sylvia Bueno Terzi (2002, p. 44) destaca que:

[...] a exposição da criança a frequentes leituras de livros a leva a desenvolver-se como leitora já no período pré-escolar. Esse desenvolvimento contribui, sem dúvida, para uma maior facilidade em acompanhar o ensino proposto pela escola, o que redundará em maior sucesso.

Compreende-se que o contato da criança com diferentes livros de leitura pode ajudá-la no que diz respeito a leitura e também a escrita, pois é através dos livros de histórias ou textos que chamem a atenção que ela estará se envolvendo nas práticas educacionais de ensino da leitura e da escrita e, através disso, o educador tem que aproveitar esses aprendizados para que o aluno se interesse mais em aprender a ler e a escrever com mais coerência. Com relação a isso, Sylvia Bueno Terzi (2002, p. 44) diz que: “[...]a aprendizagem se dá, pura e simplesmente, através da participação da criança em eventos de letramento, independentemente das características destes e das características individuais da criança”.

Mediante a isso, entende-se que essa prática também influencia no letramento inicial do aluno, garantindo assim o sucesso escolar das crianças, sendo bem sucedidas atendendo as expectativas da escola, não tendo muita dificuldade no aprendizado. Sylvia Bueno Terzi (2002, p. 44) vem dizer ainda que:

A interação promovida pelos adultos com a criança não é foco de análise, o que nos leva a concluir que, para esses pesquisadores, a aprendizagem se dá, pura e simplesmente, através da participação da criança em eventos de letramento, independentemente das características destes e das características individuais da criança. Além disso, esses estudos apontam influências do letramento inicial no sucesso de leitura das crianças tomando como base os padrões escolares. As bem-sucedidas são as que atendem às expectativas da escola e que, portanto, tiveram uma orientação de letramento compatível com a orientação escolar.

É relevante dizer que as crianças bem-sucedidas são aquelas que tiveram uma orientação de letramento, e a sua capacidade de entender e se desenvolver no processo de aprendizagem é maior, pois ela já adentrou na escola com um conhecimento fundamental para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita. E aquela criança que não está envolvida nas práticas de letramento, é possível que tenha mais dificuldades em aprender. Segundo Sylvia Bueno Terzi (2002, p. 44): A criança que não domina as habilidades privilegiadas pela escola não é vista conforme seu desenvolvimento, mas conforme o que lhe falta para atingir o padrão pressuposto pela escola, ou seja, o seu déficit.

Desse modo, pode-se dizer que quanto mais o aluno for envolvido nas práticas de leitura e de escrita, antes de entrar na escola, mais facilidade ele terá em aprender.

2.2 MÉTODOS DE ENSINO DA ALFABETIZAÇÃO: UM PERCURSO HISTÓRICO

A discussão que envolve os métodos tradicionais de alfabetização é bastante remota entre os professores e pesquisadores conhecedores do assunto, com vistas a alcançar uma eficácia com relação aos métodos. Não há um consenso quanto ao método mais eficaz para que realmente aconteça a aquisição da leitura e da escrita, pois cada método tem suas vantagens e desvantagens, assim como seus defensores. É o que enfatizam Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999, p. 21):

Tradicionalmente, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles, levantando-se, assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos, sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos analíticos, que partem da palavra ou de unidades maiores.

Ensinar as crianças a ler e a escrever é um desafio para os educadores, e é por isso que eles buscam um método mais adequado para os alunos, de forma que não os prejudique no processo de aprendizagem. Os professores procuram um método de alfabetização que leve em conta o processo de aprendizagem, permitindo um espaço para que o aluno exponha suas ideias a respeito do que está sendo aprendido.

Em se tratando, primeiramente, do método sintético, é possível dizer que, no contexto da alfabetização, ele vai da parte para o todo, e que sua desvantagem se refere à aprendizagem da leitura e da escrita como uma questão mecânica. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), esse método tem seu ponto de partida em apresentar a letra, o fonema e a sílaba. E o processo de leitura “se dá pela soma dos elementos mínimos”. As referidas autoras afirmam que:

O método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo. Os elementos mínimos da escrita são as letras. Durante muito tempo se ensinou a pronunciar as letras, estabelecendo-se as regras de sonorização da escrita no seu idioma correspondente.(Ferreiro; Teberosky, 1999, p. 21)

Quanto ao método analítico, parte de unidades maiores como uma palavra, frase ou texto, e a leitura é vista como um ato global e audiovisual. Nesse caso, os professores que seguem esse método começam a trabalhar a partir das unidades maiores para depois dividi-las em partes menores. Nesse sentido, a criança parte de uma frase para tirar as palavras e depois subdividi-las em unidades simples, que são as sílabas. De acordo com Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), o método analítico parte do reconhecimento global das palavras ou das orações para depois analisar os componentes menores.

E o terceiro método discutido por Ferreiro e Teberosky (1999, p. 21) é o fonético que consiste no aprendizado através da associação entre fonemas e grafemas, ou seja, entre sons e letras. Esse método permite que o aluno descubra primeiro os sons e depois passe a dominar a escrita das palavras sem sua língua, através de textos produzidos especificamente para este fim. Referente a isso, Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999, p. 21) dizem que:

[...] sob a influência da linguística, desenvolve-se o método fonético propondo que se parta do oral. A unidade mínima de som da fala é o fonema. O processo, então, consiste em iniciar pelo fonema, associando-o à sua representação gráfica.

Nesse método, cada letra é aprendida como um fonema que, juntamente com outra, formam sílabas e palavras. Primeiro são ensinadas as sílabas mais simples e depois as mais complexas.

Nessa mesma perspectiva, pode-se dizer que a alfabetização é avaliada também como um processo de mudança da fala para a escrita, considerando um processo de natureza linguística como uma transferência da fala para a escrita.

E o professor deve sempre introduzir em suas práticas pedagógicas de alfabetização métodos que estimulem as capacidades de aprendizagem do aluno e assim ele possa entender a importância da leitura e da escrita em sua vida escolar.

É importante ressaltar também que esses três métodos possuem metodologias diferentes, mas em sua base todos se fundamentam na concepção de que a criança aprende através da relação entre o som e a grafia, ou seja, a criança aprende a ler associando o som com a escrita.

É válido dizer também que, no processo de alfabetização, a criança não deve aprender através da memorização de palavras e frases, mas sim compreendendo o que se lê. E para que realmente isso aconteça, o professor necessita associar a teoria com a prática, o que o levará a alcançar seus objetivos no que diz respeito ao ensino da leitura e da escrita.

Além disso, é importante também reconhecer os conhecimentos trazidos pelo aluno, sendo fonte fundamental para a prática do professor, para que este possa interligar o conhecimento do educando com suas práticas, ajustando os conteúdos

que estão sendo trabalhados para que desperte na criança ainda mais o desejo de aprender. No que diz respeito a esse aspecto, os PCNs (2000, p. 48) atestam que:

Quando se pretende que o aluno construa conhecimento, a questão não é apenas qual informação deve ser oferecida, mas, principalmente, que tipo de tratamento deve ser dado à informação que se oferece. A questão é então de natureza didática. Nesse sentido, a intervenção pedagógica do professor tem valor decisivo no processo de aprendizagem e por isso, é preciso avaliar sistematicamente se ela está adequada, se está contribuindo para as aprendizagens que se espera alcançar.

A partir desse pressuposto, verifica-se que o professor deve avaliar se as necessidades do aluno estão sendo levadas em consideração, já que a o processo de leitura e escrita não se resume apenas na decodificação de palavras ou frases no contexto da sala de aula, mas sim em um processo que é de fundamental importância para a integração de qualquer indivíduo em seu meio social. Nessa perspectiva, Magda Soares (2013, p. 15) ressalta que: “Tem-se tentado, ultimamente, atribuir um significado demasiado abrangente à alfabetização, considerando-a um processo permanente que se estenderia por toda a vida, que não se esgotaria na aprendizagem da leitura e da escrita”.

Entendida a alfabetização como um processo constante na vida do ser humano, que se dá tanto dentro da escola como fora dela, pode-se dizer que o papel do professor no que diz respeito ao ensino da leitura e da escrita tem uma relevância não apenas escolar, mas também social marcada por atitudes e valores humanos. Então, o professor deve envolver em sua prática de sala de aula aspectos sociais culturais e os políticos, formando assim, sujeitos atuantes na sociedade, com pleno uso da leitura e da escrita.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DA CONCEPÇÃO CONSTRUTIVISTA E DA LINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA

Na perspectiva construtivista de alfabetizar, vê-se que as práticas de leitura e escrita estão interligadas. Conseqüentemente, o professor alfabetizador tem de estar trabalhando com palavras, frases, nomes que fazem parte da vivência da criança e com os seus conhecimentos, trazidos de sua cultura, dessa forma, despertará nela um interesse maior para aprender, e a aula tende a se tornar mais prazerosa tanto para o professor quanto para o aluno.

Dessa forma, também se estará permitindo que o aluno se expresse, faça perguntas através de situações de conversação e participação, explorando assim seus conhecimentos prévios. De acordo com Antoni Zabala (1998, p. 95):

Para que tudo isto possa se realizar, os professores devem acreditar sinceramente nas capacidades dos alunos, ganhando a confiança deles a partir do respeito mútuo. Tem que avaliar o aluno pelo que é, confiando nele e dando condições para que aprenda a confiar em si mesmo.

Diante do exposto, pode-se dizer que, para conseguir que o educando se interesse pelas aulas de leitura e escrita, é preciso sempre avaliá-lo acreditando no seu potencial, não se concentrando apenas nos aspectos negativos, mas reconhecendo os positivos. Dessa forma, a prática do professor pode ser bastante eficaz, trazendo bons resultados para o seu aluno. Ainda nesse contexto, é válido trazer o posicionamento de Antoni Zabala (1998, p.95), ao dizer que: “Os alunos respondem e se adaptam de maneira diversa às propostas educacionais, mostrando maior ou menor interesse e dedicação nas tarefas, entre outros motivos, em função do que se espera, o que influi na intervenção do professor”.

Pode-se perceber, então, que as propostas educacionais influenciam bastante no aprendizado do aluno. Sabe-se que alguns alunos apresentam mais dificuldades em aprender que outros, e o tratamento a essa questão vai depender também da observação do professor, que deve procurar entender as principais dificuldades da criança, buscando desenvolver formas que não a prejudiquem na sua caminhada escolar, levando em conta as contribuições do aluno, permitindo que ele se expresse na sala de aula para incluir seu conhecimento com os conteúdos envolvidos na aula proposta. Antoni Zabala(1998, p.95) afirma que:

Para poder levar em conta as contribuições dos alunos, além de criar o clima adequado, é preciso realizar atividades que promovam o debate sobre suas opiniões, que permitam formular questões e atualizar o conhecimento prévio, necessário para relacionar uns conteúdos com outros. Quer dizer, apresentar conteúdos relacionados com o que já sabem, com seu mundo experiencial, estabelecendo, ao mesmo tempo, certas propostas de atuação que favoreçam a observação do processo que os alunos seguem para poder assegurar que seu nível de envolvimento é o adequado.

Então, para que o aluno perceba o sentido nas atividades que irá realizar, é necessário que conheça o que deve desenvolver para que assim não tenha muitas dificuldades no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. E, quanto ao

professor, deve sempre estar observando os avanços e dificuldades encontradas nesse percurso, para então se buscar a maneira mais eficiente para se ensinar a leitura e a escrita.

2.4 LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Considerando a leitura e a escrita como práticas indispensáveis para se alfabetizar o aluno, torna-se importante refletir sobre essas práticas no âmbito escolar, assim como analisar os objetivos e as metodologias do professor para se ensinar a ler e a escrever. Em relação à leitura, pode-se dizer que não se trata apenas de um ato de decodificação ou de decifração das palavras, mas envolve o entendimento e a reflexão do que se lê. Roxane Rojo, (2009, p. 77) ressalta que:

A leitura passa, primeiro, a ser enfocada não apenas como ato de decodificação, de transposição de um código (escrito) a outro (oral), mas como um ato de cognição, de compreensão, que envolve conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos, muito além dos fonemas e grafemas.

Vale ressaltar ainda que a leitura contribui significativamente para a prática de produção de textos e, conseqüentemente, para a formação de escritores competentes. Aprender a ler e a escrever, então, significa dispor de conhecimento ordenado e poder usá-lo para participar e intervir na sociedade. O domínio das habilidades de leitura e escrita são condições essenciais para enfrentar as demandas do mundo atual, que apontam para uma sociedade do conhecimento, na qual poucos têm as ferramentas necessárias para obter informações e poder atuar de forma consciente. De acordo com os PCNs (2000, p. 53):

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras.

Desse modo, para que se forme um “leitor competente”, é importante que o professor, além de oferecer textos de diversos gêneros, promova atividades que instiguem no aluno o interesse pela leitura e, sempre que possível, solicitar que os

alunos exponham suas ideias após a leitura (individual ou coletiva), socializando assim, sua experiência leitora com os demais colegas.

É relevante dizer que para aprender a ler é preciso interagir com textos escritos, ajustar o conhecimento que já se tem ao que é apresentado pelo texto, receber incentivo e ajuda de pessoas que são leitoras experientes, pois a leitura é uma prática social e um meio que nunca tem fim, portanto, é importante estar sempre em busca desses conhecimentos e praticá-los constantemente.

É importante ressaltar que existem alguns problemas no ensino da leitura, os quais não se centram apenas no âmbito dos métodos de ensino adotados, mas podem ser vistos também a partir de outros aspectos, passando pelo próprio conceito do que é a leitura e de que forma ela é avaliada pelo conjunto dos docentes, da função que ocupa no plano curricular da escola e de ações que favorecem o currículo escolar e posteriormente as técnicas de ensino dos professores. No que diz respeito ao ensino da leitura, Isabel Solé (1998, p.33) afirma que:

[...] o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que as arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la.

Entende-se então, que para que a leitura favoreça na aprendizagem das crianças no âmbito escolar, vai depender muito de como ela é valorizada e avaliada pelos professores da escola e como estão ocorrendo as práticas dos professores em suas aulas.

E, com relação ao ensino da escrita, por sua vez, cuja finalidade é a formação de escritores competentes, aqueles que, segundo os PCNs (2000), são capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes, o professor deve propiciar o contato dos alunos com os diversos gêneros textuais e solicitar que eles produzam textos, mesmo que ainda não dominem a norma padrão. De acordo com Cagliari (1993, p. 124):

Deixar que os alunos escrevam redações espontâneas não dando muita atenção aos erros ortográficos e apostando na capacidade das crianças de escrever e se autocorrigir com relação à ortografia é de fato um estímulo e um desafio que o aluno sente no seu trabalho, uma motivação verdadeira para a escrita. Essa é a melhor forma de valorizar a atividade do aluno.

Para que o educando desenvolva suas atividades de leitura e escrita, portanto, é necessário que o professor em suas metodologias envolva leitura de vários textos, incentivando o hábito de ler e escrever. Além disso, é preciso que o aluno ponha em jogo tudo aquilo que sabe para descobrir o que ainda não sabe, criando assim uma atividade reflexiva e dialógica, importante aspecto para se tomar decisões sobre questões propostas pelos textos. Em sua metodologia, o professor não deve usar o “texto apenas como pretexto”, ou seja, tão somente para realizar atividades gramaticais, mas deve usá-lo com o objetivo de favorecer a prática competente da leitura e da escrita. Cagliari (1993, p. 126-127) afirma que:

A professora não deve usar o texto como pretexto para corrigir a ortografia, concordância, regência, caligrafia etc; mas deve usá-lo como fonte de informação a respeito de seus alunos, de seus progressos e dificuldades. Esses aspectos analisados no texto servirão de subsídios para a programação de atividades futuras.

Além disso, nesse processo de alfabetização, o docente não deve fazer correções excessivas nas produções dos alunos, pois é necessário dar tempo para que eles produzam seus textos e vão adquirindo uma motivação para as atividades de leitura e de escrita.

Sendo assim, o professor, em suas práticas pedagógicas, deve estar sempre em busca de novidades: utilizando diversos tipos de textos, promovendo oficinas de leitura e produção de textos, possibilitar que os alunos escolham os livros que desejam ler para que despertem o gosto pela leitura, formando assim leitores e escritores competentes, aqueles que conseguem responder às demandas da sociedade. De acordo com Roseane Pereira (2005, p.144):

Consideramos, então, que além das atividades de leitura e produção de textos, devemos propiciar, também, a reflexão, por parte do aluno [...]. Por outro lado, salientamos que as propostas de leitura e produção de textos precisam ser planejadas, considerando-se que os alunos ainda não dominam o sistema de escrita.

A partir desse pressuposto, é possível salientar que no processo de aquisição da escrita, o professor deve trabalhar com a função da escrita, através de vários tipos textuais para que desenvolva na criança o desejo de escrever, e que não se resume apenas a uma prática de sala de aula, mas que se estenda para a vida diária do educando. Cagliari (1993, p. 128) diz que:

A função da escrita deve ser trabalhada. Para isso é preciso que sejam lidos para as crianças livros de literatura infantil, jornais, revistas, cartas, bilhetes, avisos etc., além de incentivá-las a escrever histórias em geral, notícias sobre assuntos que lhes interessem, cartas, bilhetes, avisos; outra atividade é a criação de textos para propaganda em sala de aula.

Vale ressaltar também que na prática de leitura, o professor além de ler o texto e pedir para que o aluno leia, tem que incentivá-lo a expor sua opinião oralmente e escrever algo com relação ao que foi lido, pois a criança além de se apropriar do sistema de escrita, deve também desenvolver as habilidades de leitura e produção de texto, oral e escrito. Com relação a isso, Roseane Pereira (2005, p. 135-136) expõe que:

(...) o ato de ensinar a ler e escrever – alfabetização – deve relacionar-se ao uso da leitura e da escrita de maneira a alcançar objetivos em diferentes contextos em que essas práticas são desenvolvidas, ação tem sido denominada de letramento.

Então, o professor para alcançar seus objetivos nos contextos educacionais, deve levar em conta a leitura e a escrita dos alunos, sabendo desenvolver com eles as práticas de letramento. A leitura e a escrita, entendidas como práticas sociais, são fundamentais para a compreensão de mundo por parte dos alunos, elas precisam ter sentido na vida do aluno, não se tornando apenas obrigações escolares, e para que isso ocorra, o professor deve oferecer para os educandos textos variados, aqueles circulantes no seio social. Roseane Pereira (2005, p.145) diz que:

Se quisermos formar comunidades de leitores e motivar as crianças a aprender como se escreve, precisamos não perder de vista a necessidade de garantir tempo pedagógico para leitura de textos literários (leitura deleite), leitura de diversos gêneros textuais em jornais, revistas, entre outros portadores, e participação em situações em que elas irão interagir com outras pessoas através da escrita.

Nesse caso, para que o aluno sinta-se motivado pela leitura e pela escrita, é necessário que o professor desperte nele a curiosidade, desenvolvendo atividades em suas práticas educacionais que motive seus alunos a entenderem o significado da leitura e da escrita. Na medida em que essa perspectiva é adotada, torna-se um prazer para a criança aprender a ler e a escrever. Em relação à interdependência das práticas de leitura e escrita, Sylvia Bueno Terzi (2002, p. 62) afirma que:

A leitura de estórias expõe a criança a eventos distantes de seu contexto imediato, permitindo que ela relacione suas experiências anteriores com os referentes do texto e faça inferências sobre o contexto apresentado pelo autor. Além disso, essa prática expõe também a criança à complexidade estrutural da modalidade escrita (...).

Portanto, abordar a leitura de textos para as crianças nas aulas é importante para adquirir uma aprendizagem maior no processo de alfabetização da leitura e da escrita, construindo assim um estágio de conhecimentos da linguagem, pois o conhecimento da linguagem. Milton Nascimento (1998, p. 41) vem falar que:

[...] o conhecimento lingüístico é básico, é um elemento determinante, constituinte essencial da construção do conhecimento sobre a escrita da criança. Isso corresponde a dizer que a construção do conhecimento da escrita é essencialmente medida pela competência linguística do aprendiz.

Sabe-se que a criança, por estar envolvida na sociedade, considera a comunicação como algo significante, em que aprende que o comunicar facilita a interação social e a aquisição da linguagem.

Pode-se dizer o quanto é importante a comunicação na vida escolar do aluno, pois é através das conversas diárias, dos contos e poemas que ele vai entendendo o que a leitura e a escrita significam na vida dele. Afirma Lúcia Browne Rego (2010, p. 105) que:

Sabemos que as crianças adquirem a linguagem oral sendo envolvidas em contextos comunicativos em que a linguagem seja significativa para elas. É usando, portanto, a língua enquanto instrumento de comunicação que a criança a descobre enquanto sistema.

Com informações diversas na sociedade, a escola ainda é a principal responsável por introduzir a criança nas práticas de leitura e escrita, por isso, o educador deve introduzir a cultura dos alunos, que pode ser um fator preponderante na aprendizagem do ler e escrever. Vale salientar que a escrita tem por finalidade a leitura, pois quem escreve, escreve para que alguém o leia, e a partir desta leitura, para que haja uma reflexão, um entendimento. É para a sociedade que o educador instrui o aluno, para que ele se torne um sujeito em constata interação com o meio. Cagliari (1993, p. 150) expõe que:

(...) a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. Por isso, a escola que não lê muito para seus

alunos e não lhes dá a chance de ler muito está fadada ao **insucesso**, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos.

A leitura é, portanto, uma atividade que envolve o conhecimento do indivíduo. O texto precisa ser decodificado e interpretado e, para que isso ocorra, é necessário que o aluno o leia e reflita sobre o que leu a partir de seus conhecimentos prévios. Ou seja, ler envolve principalmente a compreensão. Cagliari (1993, p.150) afirma que:

A leitura é, pois, uma **decifração** e uma **decodificação**. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem, e finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu.

Percebe-se que o aprendizado da leitura juntamente com o da escrita, além de envolver a decifração e a decodificação, requer a integração destes dois níveis de conhecimento, que são: primeiro, o conhecimento de natureza intuitiva, isto é, saber usar de forma apropriada a língua escrita enquanto ferramenta de comunicação; e o segundo, de natureza consciente, o qual admite compreender como as unidades de som são representadas na escrita. Lúcia Browne Rego (2010, p. 132) diz que:

A construção e a integração desses dois níveis de conhecimento é uma conquista da criança movida pelo seu interesse no objetivo língua escrita, e facilitada pelas interações com adultos, envolvendo uma exploração ativa da leitura e da escrita.

Podemos dizer que as crianças vão aprendendo ao longo da vida sobre a leitura e a escrita quando se pensa essas práticas envolvidas no seu cotidiano, através da interação com diferentes textos escritos, envolvendo o conhecimento que já se tem. Segundo os PCNs (2000, p. 56), “[...] é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes.”

Então, pode-se dizer que a ajuda de outros leitores e escritores experientes favorecem para que o aluno tenha um melhor desenvolvimento na prática da leitura e da escrita. Diante disso, pode-se dizer que o papel do professor é de fundamental importância para a formação de leitores e escritores no contexto da sala de aula,

com a utilização de metodologias apropriadas, que priorizem o trabalho com a diversidade de textos.

3. ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO 1º ANO: UMA ANÁLISE SOBRE AS PRÁTICAS DOS PROFESSORES

Tendo como objetivo geral analisar como ocorrem as práticas docentes em situações de ensino de leitura e escrita no processo de alfabetização, neste capítulo apresentou a discussão dos dados. Através das observações, foi possível notar que cada professora tem uma prática educacional diferente, cada uma tem uma metodologia para o ensino da leitura e da escrita.

A professora P1 inicia a aula pedindo para um aluno escolher um livro e ir à frente ler a história para seus colegas e, ao terminar de ler, convida os alunos a irem ao cantinho da leitura e escrever em seus cadernos cenas que lhe chamaram a atenção na história, para que depois socializem com a turma o que foi entendido a partir do texto lido. Dessa maneira, pode-se dizer que ela permite que o aluno escolha o livro que mais o interessou, porém, ela não dá um tempo prévio para que o aluno faça uma leitura silenciosa antes da leitura para a classe. Além disso, ela associa o trabalho de leitura com a produção escrita, priorizando os gostos individuais na seleção do registro.

Já a professora P2, em suas aulas de leitura e escrita, organiza a sala em semicírculo para o diálogo sobre os textos lidos, o que não faz a professora P1. Na primeira aula observada, ela distribuiu rótulos e propagandas para as crianças, logo após, solicitou que cada um lesse em voz alta para a turma e que falasse o que entendeu do texto lido. Nessa atividade, a professora não dá qualquer explicação sobre o tipo de texto que distribuiu para a classe, nem orienta sobre o tipo de explicação que os alunos teriam que dar sobre o texto. Ela também convida cada um para ir ao quadro escrever uma pequena frase com relação ao que leu no rótulo ou na propaganda.

Vê-se, portanto, que a professora escolheu gêneros textuais presentes no cotidiano do aluno, mas em sua prática de trabalho com o texto, não explora as dimensões textuais, tais como a finalidade do texto, a estrutura e o suporte textual, utilizando assim o “texto como pretexto”, isto é, o texto serviu apenas para retirada de uma frase, Cagliari (1993) ressalta que, a professora não deve usar o texto como

pretexto, ou seja, para corrigir a ortografia da criança, concordância, regência ou caligrafia, mas, deve usá-lo como fonte de informação a respeito de seus alunos identificando seus avanços e dificuldades.

A professora P3, durante suas aulas, deixa claro que procura sanar as dificuldades dos alunos em relação aos conteúdos trabalhados, não deixando de lado aqueles alunos que ainda não atingiram um rendimento esperado no que diz respeito a leitura e a escrita. No início de sua aula, os alunos estavam dispersos, mas ela conseguiu trazer a atenção deles, a solução foi instigar a curiosidade que despertou em cada um para a atividade que iria desenvolver.

Ela inicia a aula explicando que irá distribuir folhas de ofício para cada um e depois pede para os alunos escreverem frases nessa folha e diz que depois essas frases serão lidas para um colega da turma, só não esclarece para quem. Depois, ela pede para cada um colar as frases no mural e, em seguida, convida cada um a ler duas frases que escreveu para qualquer colega. Ela passou essa atividade e não explicou ao aluno para quem ele iria ler as frases, sendo que a escolha do destinatário só seria feita depois de ter escrito a frase. Percebe-se que a professora não esclarece para a turma o motivo da produção, o que a torna bastante imprecisa para a turma. Além disso, não dá a devida importância ao papel do interlocutor, isto é, aquele que vai receber o texto escrito.

Em relação às atividades propostas pelos professores para se trabalhar a leitura e a escrita, foram selecionadas três delas para efeito de análise. A primeira atividade (EM ANEXO1) que traz algumas figuras natalinas foi aplicada da seguinte forma: a professora pede que os alunos formem frases a partir das imagens, mas ela não explica para que serão feitas essas frases. Vê-se com essa atividade que a professora adota uma prática de ensino da Língua Portuguesa centrada em unidades isoladas, descontextualizadas, ou seja, nas frases, deixando de ter como referência o texto.

Outra atividade (EM ANEXO2) que foi aplicada durante o período de observação foi orientada da seguinte maneira: a professora distribuiu um texto para os alunos que trata da árvore. Em seguida, ela o lê para a turma em voz alta. Logo após, solicita que o aluno tire do texto palavras que se iniciam com as seguintes letras: a, p, s, c, e. No entanto, não explica para o aluno por que ele vai tirar palavras do texto, e também não dá um tempo para que o aluno possa ler o texto e fazer suas próprias reflexões sobre o que foi lido. De acordo com Roseane Pereira (2005), o

professor deve propiciar a reflexão do aluno para a leitura e a interpretação de textos.

3.1 REFLETINDO SOBRE AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE ENSINO DE LEITURA E DE ESCRITA DAS PROFESSORAS

Analisando as concepções das professoras com relação a alfabetizar o aluno, foi possível perceber que a alfabetização para a professora P1 é um processo de aprendizagem que vai além do ler e do escrever. Para ela, o aluno é considerado alfabetizado quando ele consegue compreender o que foi escrito e é capaz de fazer uso da palavra escrita e, para que essa alfabetização aconteça, ela diz que o professor deve ser dinâmico, usar metodologias diversificadas para a participação da criança na aula. É o que se pode constatar nos seguintes depoimentos da referida professora P1: “A alfabetização é o processo de aprendizagem dos códigos que vai além do ler e do escrever, mais compreender e interpretar o que foi lido” A criança considerada alfabetizada é aquela que consegue compreender o que foi escrito e fazer o uso da palavra.

A prática de alfabetização do professor deve ser dinâmica, usando metodologias diversificadas para que as crianças participem e façam parte desse processo. (P1)

Nesse exemplo, vemos que, para a professora alfabetizadora, a prática da alfabetização não se resume apenas no ler e no escrever, e sim em compreender o que leu. Pode-se ressaltar também que ela chama a atenção para o uso da palavra escrita como um requisito para a alfabetização. Isso permite dizer que ela associa a leitura, a compreensão e a produção para se pensar em um aluno alfabetizado. Ao se questionar a professora P1 sobre: qual a sua concepção de leitura? Ela disse que: “A leitura é a forma de interpretar informações contidas no determinado texto, ou até mesmo a forma de se comunicar com o mundo.”.

Nessa fala da professora, é possível perceber que a sua concepção de leitura não se restringe a de leitura do texto, pois ela evoca a dimensão de mundo. Os PCNs (2000) vêm falando que o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e a formação de escritores, porque a possibilidade de produzir textos eficazes tem a ver com a prática de leitura.

E a professora reconhece, portanto, que a criança adquire conhecimentos diversos antes mesmo de adentrar na escola e que serão importantes para o processo de compreensão do texto. Ao ser questionada sobre: A Sr.^a convida seus alunos a ler em sala de aula? De que forma? A professora P1 diz que: “[...] convido os alunos a ler em sala através da mala de leitura, das atividades aplicadas em sala de aula, no cantinho da leitura e na correção da tarefa de casa.”

A docente convida os alunos não só com o intuito de ler em sala, mas com o objetivo em que eles possam desenvolver as atividades passadas para a casa como um objetivo também de avaliar o seu desenvolvimento.

A professora também avalia a leitura de seus alunos levando em consideração a bagagem trazida por eles, através das atividades realizadas em sala, considerando também os eventos de oralidade deles. É o que constatamos no seguinte posicionamento dela:

Partindo do princípio que eles já chegam a escola com o conhecimento de mundo, sendo assim, a avaliação da leitura é feita através das atividades realizadas em sala, levando em conta também a sua oralidade no individual e coletivo. (P1)

Chega-se ao entendimento que ela avalia o aluno a partir das vivências que ele possui ao adentrar na escola, mas ela não deixa nítida a avaliação que faz da oralidade. A professora parece se referir à leitura em voz alta, feita para toda a classe. Nesse caso, essa avaliação, centrada apenas na pronúncia, deixa de lado um aspecto bastante importante que é a compreensão do texto pelo aluno.

Foi questionado também sobre, qual a sua concepção de escrita? Ela articulou que: “A escrita tem a função de registrar os fatos criados e vividos pelos alunos, que vai se aperfeiçoando ao longo do tempo”. Nota-se que para ela a escrita do aluno tem função de registrar o dia a dia dele e essa escrita vai se aperfeiçoando no âmbito escolar junto à vida em sociedade.

A professora P2, no questionamento feito sobre, qual sua concepção de alfabetização? Disse que: “A alfabetização é um processo de aquisição da leitura e da escrita e que a criança é considerada alfabetizada quando ela compreende aquilo que se escreve”. Nesse caso, para que a alfabetização ocorra, a educadora considera que:

A prática de alfabetização deve ser processual e contínua cheia de atividades de análise fonológica para a reflexão da sonoridade (sílabas das palavras) e atividades de análise estrutural para que os alunos compreendam a composição das letras nas palavras. (P2)

Com relação a esse posicionamento, é relevante dizer que para a professora a alfabetização, por ser um processo contínuo, deve conter “as atividades de análise fonológicas e estruturais”, mas ela não explica que atividades de análises são essas, tornando imprecisa a concepção de prática alfabetizadora que ela utiliza nesse processo de leitura e de escrita.

Quanto à concepção de leitura, foi questionado a professora P2 o seguinte: Qual a sua concepção de leitura? Para essa pergunta, a professora respondeu que: “A leitura não se trata apenas em memorizar letras, mas na capacidade de interpretar, compreender e aquilo que lê”. Percebe-se, portanto, que ela concebe a leitura para além da decodificação das palavras. E no que diz respeito à avaliação, ela ainda diz que: “Eu avalio a leitura dos alunos como um processo que se aprimora a cada dia”. Nessa resposta, a professora não esclarece a sua forma de avaliar a leitura, mas, por outro lado, deixa transparecer seu entendimento de leitura como um processo, enfatizando que essa prática deve se aprimorar com o passar do tempo.

Além disso, foi questionado à professora P2 sobre quais gêneros são trabalhados em sala de aula? E ela falou que trabalha com músicas, anúncios, receitas e histórias em quadrinhos para despertar a vontade de aprender dos alunos. É relevante dizer que para aprender a ler, os alunos precisam interagir com diversos textos escritos, para poderem ajustar o conhecimento que já possuem ao que estão nos diversos textos apresentados em sala de aula.

Com relação ao processo de alfabetização, a professora entrevistada P3 diz que a aprendizagem da leitura e da escrita vai muito além da prática de decodificação, do reconhecimento das palavras do texto. No entanto, logo em seguida, ela diz que o aluno deve identificar os significados das palavras, como se o aluno precisasse, para entender o texto, ir identificando o sentido de palavra por palavra.

Ler e escrever vai muito além de saber fazer o nome ou ler um texto, mas sim em saber tirar do texto ideias, experiências e depois identificar o significado das palavras, se fazer uma frase tem que saber dizer o porquê da frase, então ler e escrever é tudo isso entender o que eu estou fazendo ai dessa forma eu posso considerar o meu aluno alfabetizado. (P3)

Dessa maneira, pode-se dizer também que, para ela, uma criança, para ser considerada alfabetizada, além de saber ler e escrever tem que saber explicar um texto após ser lido. Ela fala ainda que, para o aluno participar desse processo de leitura e de escrita, o professor tem que saber lidar com todas as dificuldades encontradas em sala de aula e que os usos de metodologias diferenciadas fazem com que as crianças se envolvam mais com a aula proposta, garantindo o seu aprendizado, como pode ser observado a seguir no questionamento feito a professora sobre, de que modo a senhora avalia a leitura de seus alunos?

O professor deve sempre observar se o aluno está aprendendo. E como pode fazer isso? Através da dedicação e atenção voltada para a criança, identificando onde está o problema e porque o meu aluno não está querendo aprender e não se interessa nas aulas, tudo isso conta no aprendizado da criança. (P3)

Tendo em vista esse posicionamento, é possível perceber que a professora apresenta uma fala que valoriza o papel do professor, sua dedicação para o ensino, sua preocupação com o aprendizado de cada aluno.

Foi questionado também a essa professora a respeito de, qual a sua concepção de escrita? Obteve-se a seguinte resposta:

A escrita é muito importante na vida escolar do meu aluno. É através dela que ele vai descobrindo o significado das palavras. E eu, como professora, tento traçar metodologias que faça meu aluno se interagir mais com a aula proposta. Através disso, ele irá conseguir ser um cidadão crítico na sociedade. Eu só não posso reprimi-lo quando ele escrever alguma palavra errada ou se pronunciar de forma incorreta, porque posso bloqueá-lo e criar um certo trauma quando ele quiser escrever e se expressar na sala de aula. (P3)

A partir do que foi exposto, nota-se que a professora apresenta um discurso que se alinha com a perspectiva de ensino da leitura e da escrita centrada em práticas interativas, isto é, que preveem o diálogo do leitor com o texto. É importante ressaltar também o que ela diz a respeito do processo de avaliação das produções orais e escritas, que não se deve reprimir o aluno por se encontrar “erros” em seus textos. De acordo com Cagliari (1993), o professor deve dar menos atenção aos erros ortográficos do aluno e apostar na sua capacidade de escrever e se autocorrigir, melhorando a forma de valorizar as atividades do aluno.

Através das entrevistas, percebeu-se que as professoras apresentam posicionamentos que demonstram se preocuparem com o aprendizado dos alunos no que se refere às práticas de leitura e escrita.

É importante mencionar aqui também sobre o questionamento que foi feitoas três entrevistadas sobre,de quando a senhora iniciou o seu trabalho com turmas do 1ª ano até agora ocorreram mudanças em sua concepção de alfabetização?

Mudou sim, porque antes não tinha um plano específico para a alfabetização do aluno e atualmente com o surgimento do PACTO nacional pela alfabetização na idade certa o professor tem uma formação e um planejamento a seguir e isso facilitou tanto no aprendizado da criança, quanto na prática do professor. (P1)

Com certeza mudou bastante, pois agora tem o curso de formação do Pacto Nacional e isso está ajudando bastante nós professores na prática de alfabetizar os alunos e aprimorando nossos conhecimentos. (P2)

A prática da alfabetização tem mudado bastante atualmente, com relação a antes podemos dizer que está bem mais evoluída e também atualmente existe o curso para melhorar a prática dos professores, posso dizer que o curso do PACTO tem bastante envolvimento nessa mudança das práticas dos professores que são alfabetizadores. (P3)

Observa-se que,as três entrevistadas fizeram questão de falar do curso de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa, elas avaliam esse programa como o principal responsável pela mudança em suas práticas de alfabetização, percebe-se também que para elas esse curso é bastante importante para a formação de um profissional mais competente.

Mas para que a prática da alfabetização seja mais eficaz além do curso, os professores devem estar sempre refletindo sobre o seu papel em ensinar os alunos a ler e escrever, e Roseane Pereira (2005) ressalta que, o professor deve organizar um trabalho pedagógico de maneira que possa envolver atividades de leitura e atividades de reflexão sobre o sistema notacional da escrita.

Contudo não é só o curso de formação que muda as práticas da alfabetização e sim a maneira de como estão sendo adotados esses ensinamentos pelos educadores com relação a leitura e escrita.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da observação, percebeu-se que uma grande quantidade de alunos das três turmas ainda não sabiam ler e escrever textos. Alguns deles até conseguiam ler frases e pequenos textos, mas a maioria não apresenta um domínio da leitura e da escrita. Com relação às práticas dos docentes, pode-se dizer que cada uma tem um jeito diferente de trabalhar a leitura e a escrita, mas que todas apresentam em suas falas ideias e conceitos bem próximos.

Outro fato que merece ser considerado é que as três professoras entrevistadas fizeram questão de ressaltar a importância do programa do governo federal *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Elas julgam as ações desse programa, no que diz respeito à formação de professores, responsáveis pela mudança no ensino da alfabetização atualmente, pois, na concepção delas, são os cursos de formação continuada que as tornam melhores alfabetizadoras.

Esse estudo foi importante, tendo em vista que propiciou o conhecimento de uma realidade escolar sobre o processo de alfabetização das crianças. Foi possível perceber como se dão as práticas docentes no contexto pesquisado. Pode-se dizer que os professores devem apresentar práticas de ensino da leitura e da escrita que tenham por objetivo formar indivíduos capazes de produzir e interpretar diversos textos, para que ele seja um cidadão crítico na sociedade.

E para que o aluno se torne um cidadão crítico e que saiba responder as demandas sociais, os professores devem refletir sobre suas práticas. Os professores deve adotar uma postura investigativa do seu fazer pedagógico, buscando sempre novas estratégias para se atingir seus objetivos.

E, para concluir, é importante dizer que os professores que pretendem formar cidadãos atuantes no meio social, devem antes formar leitores e produtores de texto em sua sala de aula, motivando sempre os alunos a lerem e produzirem textos. E, para que isso ocorra, deve-se levar para a sala de aula diversos gêneros textuais, incentivar a interação dentro da sala de aula, tanto entre alunos como entre professor-aluno, promovendo assim uma prática docente dialógica.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar.** Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Brasil MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CAGLIARI, Luiz. Carlos. **Alfabetização e Linguística.** 6 ed. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

_____, Luiz Carlos. A respeito de alguns fatos do ensino e aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. In: ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 61-86

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização.** Tradução Horácio Gonzales (et. al.). 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, Emilia, TEBEROSKY Ana; **Psicogênese da língua escrita / tradução** Diana Myriam Lichtenstein, Liana De Marco, Mário Corso. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** 5 ed. São Paulo: Ática, 2011.

KLEIMAM, Angela, B. **Preciso ensinar o letramento?** Disponível em: <http://www.iel.unicamp.2005br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2015.

_____, Angela B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In.: ROJO, Roxane. (org). **Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 173-203

NASCIMENTO, Milton do. A alfabetização como objeto de estudo: uma perspectiva processual. In.: ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p.33-59.

REGO, Lúcia Browne. Descobrimo a língua escrita antes de aprender a ler: Algumas implicações pedagógicas. In.:KATO, Mary A. **A Concepção da escrita pela criança**. 4 ed. Campinas, SP : Pontes, 2010.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e Inclusão social**.São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Roseane Pereira de. Leitura e escrita na Alfabetização.In.:ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz; MORAIS,Artur Gomes / **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética** /Belo Horizonte: Autêntica, 2005.p. 133-146

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2003.

_____, Magda. **Alfabetização e Letramento** / Magda Soares. 6. Ed. 5º reimpressão. São Paulo: contexto, 2013.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TERZI, Sylvia. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ZABALA, Antoni.**A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. Rosa. Porto Alegre : ArtMed,1998.

APÊNDICE: ROTEIRO DE ENTREVISTA



FACULDADE MARIA MILZA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Prezado(a) Professor (a),

O presente estudo faz parte da pesquisa de campo para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da instituição FAMAM, que tem como título: **Ensino de leitura e escrita no processo de alfabetização**: reflexões sobre as práticas docentes. Pesquisa realizada

pelas discentes **Jamilis Fiuza Costa Leite e Silvana Alves de Oliveira**, tendo como orientadora a professora Antonia Claudia de A. Cordeiro.

Ressaltamos que será mantido sigilo total quanto aos participantes da pesquisa.

Agradecemos a contribuição ao passo em que solicitamos a sua autorização para a utilização das informações prestadas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Escola:

Nome:

Idade:

Tempo de trabalho:

Tempo de trabalho com a alfabetização:

Especifique sua Formação:

SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

1. Para a Sr^a, o que é alfabetização?
2. Quais os critérios que a Sr^a utiliza para considerar um aluno alfabetizado?
3. Para a Sr^a, como deve ser a prática de alfabetização?
4. Na escola em que a Sr^a atua, há uma formação específica para professores alfabetizadores?
5. De quando a senhora iniciou o seu trabalho com turmas do 1^a ano até agora ocorreram mudanças em sua concepção de alfabetização?


SOBRE O PROCESSO DE LEITURA

1. Qual a sua concepção de leitura?
2. A Sr^a lê diariamente para a turma?
3. A Sr^a convida seus alunos a ler em sala de aula? De que forma?
4. De que modo a senhora avalia a leitura de seus alunos?
5. No final do ano, do total de alunos de sua classe, quantos conseguem ler textos?

SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA

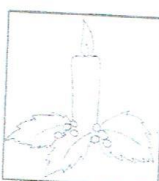




1. Qual a sua concepção de escrita?
2. Há diariamente um trabalho com produção de textos?
3. Quais gêneros textuais são trabalhados para as atividades de produção?
4. Como a Sr^a avalia as produções escritas dos alunos?
5. No final do ano, do total de alunos de sua classe, quantos conseguem escrever textos?

ANEXO 1

 Escola Piu-Piu
Educação: _____
Educador: _____ e _____

Atividade de Classe

1- Forme frases com:

	_____
	_____
	_____
	_____
	_____

Que neste natal seja confraternizada todos os desejos!
Doe os desejos da piá

ANEXO 2



Escolinha _____
 Estudante _____
 Prês _____ e _____

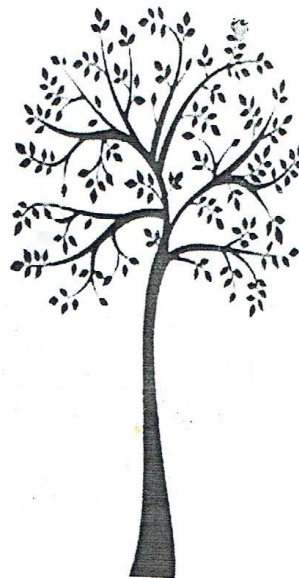
As árvores

*As árvores são amigas
 Purificam o ar*

*Acolhem os passarinhos
 Que nelas vem cantar*

*Encantam os campos
 Embelezam as estradas
 São amigas das crianças
 Fazem sombras nas praças*

*Elas são tão bonitas
 Elas são tão amigas*



Com a ajuda de um adulto leia o poema:

Retire do texto uma palavra com a letra:

<i>a</i>	
<i>p</i>	
<i>s</i>	
<i>c</i>	
<i>e</i>	